

A HISTÓRIA E O PAPEL DA MULHER NA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PARAIBANA

RODRIGUEZ, Fábria da Costa Leite

1 INTRODUÇÃO

Allan Kardec, conhecido também como Professor Hipolyte Leon Denizard Rivail; nasceu em Lyon, França em 1804. Era doutor em Direito, Bacharel em Ciências e Letras, com vasta experiência pedagógica, publicou o “O livro dos Espíritos” (WANTUI; THIESEN, 1990).

A premissa de Kardec (1992:380), em relação aos papéis de gênero, é responsável pela codificação do espiritismo e primeiro organizador do movimento espírita expressa com clareza a sentença (L.E. q.81): “São iguais perante o homem e a mulher e tem os mesmos direitos? Não outorgou Deus a ambos a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir?”

A proposta de Kardec pode ser considerada justa no que se refere ao gênero masculino e feminino, funcionando como, no limiar das instâncias das religiões institucionalizadas, uma abertura plausível do feminino subjugado. Essa doutrina rompe com o imaginário que o homem firmou julgando-se superior à mulher, dentro da sociedade, limitando-a apenas ao espaço doméstico. O Espiritismo estabeleceu uma nova leitura mediante a esfera religiosa que, automaticamente, impulsiona a mulher para a esfera pública a partir do momento em que o trabalho feminino vai além do espaço físico que a instituição proporciona.

Lapenta (2000) observa que a vida religiosa é também um fator condicionante, a partir do momento, em que, as vivências de gênero, os conceitos de uma dada religião interferem na formação da identidade feminina.

O objetivo geral deste estudo é analisar o papel da mulher dentro do movimento espírita, especialmente na Federação Espírita Paraibana (FEPB), verificando se o espaço de atuação da mulher condiz com o que propõe a Doutrina. Para tanto, recorre-se a uma pesquisa bibliográfica e documental.

A motivação para a execução desta pesquisa é a possibilidade de colaborar com o crescente campo dos estudos de gênero a partir de abordagens plurais sobre a participação da

*Universidade Federal da Paraíba. Pós Graduação em Ciências das Religiões/UFPB. Graduação em História/UNIPÊ.

mulher em contexto de expressão religiosa, no caso em particular, no Movimento Espírita Paraibano.

Perrot (1998) afirma que o movimento de mulheres espíritas cresceu significativamente desde o século XIX e essa trajetória está relacionada a um contexto histórico e sócio-cultural, em que o modelo iluminista, havia sido sacudida pela revolução Francesa.

Na Paraíba o movimento espírita foi fundado em 1916, através de Manoel Alves de Oliveira, em sua residência, que atendia pessoas de todas as condições sociais. Foi neste lar que resolveram fundar uma sociedade espírita, ou seja, um núcleo espírita, que seria mais fácil de ser conduzido. Decidiu-se então por uma Federação, a qual promoveu a expansão do movimento espírita paraibano (TRIBUNA ESPÍRITA, 2006).

A Federação Espírita Paraibana (FEPB) é uma instituição que tem por finalidade divulgar; praticar as diretrizes da doutrina espírita codificadas por Allan Kardec. A mesma coordena 49 casas espíritas na capital de João Pessoa, composta por uma diretoria eleita trienalmente, representados (as) por homens e por mulheres. Dos 49 dirigentes das casas espíritas de João Pessoa, cerca de 7% são do sexo feminino, acrescente-se, todavia, que se forem consideradas cargos de diretoria esse número cresce, haja vista, que áreas como evangelização infanto-juvenil e assistência e promoção social têm uma forte presença feminina.

2 A MULHER NO CONTEXTO HISTÓRICO E RELIGIOSO

Do ponto de vista histórico a “situação das mulheres tem sido habitualmente marginal” (JORDAN, 2005:36). Na Grécia Antiga era privada de qualquer que seja os direitos; com exceção de Esparta, onde a condição da mulher era bem melhor (FARES, 1988:45):

O Código dos Antigos Romanos... A mulher não tinha o direito, a propriedade, pois ela Própria era propriedade do homem e por isso não era dona nem das suas roupas! As vezes, um homem presenteava seu amigo com uma mulher (escrava)

Ao pensar que um dado momento da história, as mulheres em comunidade primitiva, exercia um papel preponderante. Coletavam frutos e raiz comestível regularmente, cultivando a terra; enquanto a atividade praticada pelos homens, a caça era ocasional.

A princípio a mulher na comunidade primitiva ocupava uma posição de igualdade e até mesmo superior em relação ao homem. Sua descendência se apresentava em linha feminina; é o direito materno (matriarcado). Quando surgiu a aparecimento da propriedade privada dos rebanhos o contexto sócio-cultural sofreu transformações significativas, o direito materno foi derrubado, e a linha de descendência passou a ser realizada pelo pai; a fim de garantir o direito dos filhos à herança (patriarcado). Sem dúvida Perrot (2001) está com razão ao dizer que “A questão do matriarcado está no centro das discussões antropológicas do século XIX”.

Ao refletir sobre as relações de gênero no campo religioso observamos como o espiritismo, enquanto expressão religiosa trazia as mulheres para dentro de suas práticas ritualísticas. A presença da mulher como instrumento espiritual representava uma ponte transcendental entre os espíritos que já viveram na terra em um corpo carnal. Essa comunicação espiritual de acordo com Perrot (1998) era realizada por mulheres médiuns, que a própria palavra quer dizer “suposto intermediário entre os vivos e a alma dos mortos” (FERREIRA, 1989:332).

O olhar sobre a participação das femininas no contexto das religiões configura-se importante na medida em que está em jogo a luta pela representação paritária das mesmas. A mulher enquanto componente de determinado período histórico modificou sua postura. No século XIX as mulheres introduziram-se nas facções metafísicas do ocultismo, espiritualismo e teosofia; apresentando possibilidades de lideranças e sendo um objeto de estudo teológico para esse novo modelo de mulher que ultrapassa a barreira do feminino subjugado (MOURA, 2004:52).

Em meados do século XIX, o ocidente passou por profundas transformações. Foi um momento em que as ciências humanas propagaram-se. O processo da revolução industrial e as conquistas coloniais fizeram com que a cultura Européia fizesse uma nova leitura da sociedade ocidental, apresentando novas exigências de definição daquela sociedade. Esses fatores contribuíram para o surgimento de uma nova disciplina, a história das religiões, com o intuito de estudar e comparar as distintas tradições religiosas da humanidade (PRANDI; FILORAMO:6-7, 1999).

As disciplinas neste campo do saber foram avançando e se alinhando aos estudos interpretativos dos fatos religiosos. Esta foi uma exigência de caráter iluminista capaz de reunificar todas as contribuições que as disciplinas poderão oferecer para o conhecimento científico das religiões. Oriundas das idéias iluministas correntes à época, essas idéias ficaram conhecidas como “Filosofia das Luzes”, que tinha como pressuposto defender a tolerância

religiosa. A respeito dessa época Cassirer (1994:191) esclarece sobre o iluminismo que o “século XVIII não assenta seus propósitos intelectuais mais vigorosos e seu característico dinamismo espiritual na rejeição da fé, mas no novo ideal de fé que ele promove e na nova forma de religião em que ela se encarna”.

As transformações históricas com certeza repercutiram para novos questionamentos relacionados à sociedade; a organização política; valores morais e inquietações religiosas e científicas. Buscar explicações para o mundo é comum para o ser humano. O feminino subjugado estava e está buscando explicações para o mundo submisso, obediente, patriarcal que foi atribuído a ela.

As atribuições às mulheres de papéis inferiores aos desempenhados pelos homens foram implantados, no contexto de uma sociedade extremamente patriarcal. Ao longo dos registros históricos, percebe-se que as mulheres, ao decidirem reivindicar seus direitos, foram denominadas feministas. De acordo com Régis (1975) o simples fato de a mulher necessitar de um movimento de libertação significa o quanto ela se sentiu lesada nos seus direitos e aspirações.

A correlação que o espiritismo se apresenta no contexto histórico, é relevante. Além das idéias iluministas que, segundo Perrot (1998:111): “Deve-se contar também como espiritismo, muito difundido no século XIX”. Onde nesse mesmo século em 1789, a Revolução francesa deu o seu “grito” de liberdade, igualdade e fraternidade; considerando a razão acima de tudo. Com isso, causou impacto e transformações no conhecimento humano e no campo religioso (OLIVEIRA, 2002).

Ainda de acordo com o autor supracitado, foi instigante a influência que a cultura francesa exercia sobre o espiritismo e foi Kardec quem fundou em 1º de abril de 1858, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos. O objetivo primordial dessa Doutrina era promover o progresso intelectual e moral do ser humano, o que condiz com as idéias iluministas, oriundas da revolução francesa.

Kardec (2007:60) afirma: “A ciência e a religião são as duas alavancas da inteligência humana; uma revela as leis do mundo material e, a outra, as do mundo moral”. Para o autor, os aspectos morais e religiosos se equivalem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tecendo a história com a condição da mulher dentro do contexto religioso, corrobora para a manifestação ambígua numa sociedade, em que ainda está latente o patriarcado. Onde a

discriminação feminina tanto no âmbito profissional, religioso como na esfera política ainda é polemizado.

A história contribui para nortear o momento de conquistas, ainda que deficientes; arremete-nos para uma nova leitura atual sobre a problemática da mulher no seu espaço religioso. Onde se percebe que algumas religiões institucionalizadas apresentam resistências no que tange a igualdade dos papéis de gênero dentro dessa realidade.

Dentro do contexto da doutrina espírita, para a surpresa de muitos encontramos uma liberdade de expressão feminina declarada; onde a disputa para cargos acontece de maneira igualitária. Há apenas um fator curioso que desde sua fundação até os dias de hoje, o cargo a presidência a federação espírita, no decorrer de sua história só foi ocupada por homens, e os demais cargos o fluxo de mulheres é pertinente. A proposta do codificador Allan Kardec, proporciona em “O Livro dos Espíritos”, esse espaço de igualdade entre os sexos. Esse pensamento fica claramente enfatizado na sentença (Kardec, 2007, q. 822-a): “A lei humana para ser justa, deve consagrar a igualdade de direitos entre o homem e a mulher. Qualquer privilégio concedido a um e a outro é contrário à Justiça.”

Vivenciar a construção da identidade feminina, dentro de uma dada religião e poder perceber que o espaço sagrado acompanhado dos diversos níveis da história, adorna o caminho do imaginário feminino.

Ao passo desse novo discurso que entrelaça a história com a questão do gênero feminino contextualizado na religião, graças aos problemas gerados ao longo da história, que foi o ponto chave para novas leituras e diferenciadas abordagens.

Em resumo, a proposta dessa temática está em processo de elaboração, a fim de obterem-se futuras conclusões, embasadas no decorrer da investigação ao longo da pesquisa, favorecendo assim, o conhecimento científico, com abordagens plurais e solidificadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSIRER, Ernest. **A Filosofia do Iluminismo**. 2 ed. São Paulo:Unicamp, 1994.

FARES, Mohamad Ahmad Abou. **Condição da Mulher na Religião Muçulmana**. 2 ed. PR: 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. 2ed. RJ: Nova Fronteira, 1998.

FILORAMO, Giovanni. PRANDI, Carlo. **As Ciências das Religiões**. 4 ed. SP: Paulus, 1999.

JORDÀN, Elisabet Coll i. Os direitos Humanos ao longo da História. In: JORDÀN, Elisabet Coll i. *et al.* **Os Direitos Humano das mulheres nas religiões do século XXI: I curso de outono da Escola de Teologia Feminista**. São Paulo: Loyola, 2005.

KARDEC, Alan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. 24 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007.

_____. **O Livro dos Espíritos**. 77 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992.

LAPENTA, Pe. Víctor Hugo Silveira. **Masculino e Feminino na vida religiosa: caminhos de compreensão e de vivência**. RJ: Loyola, 2000.

MOURA, Eliane. **Revista Mandrágora**. Ano 9. Nº 10. Universidade Metodista de São Paulo, 2004.

OLIVEIRA, Therezinha. **Espiritismo: A Doutrina e o Movimento**. 1 ed. São Paulo: Centro Espírita Allan Kardec, 2002.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: Unesp, 1998.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: Operários, Mulheres, Prisioneiros**. 3ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

REGIS, Jaci. A Mulher no plano existencial. In: REGIS, Jaci; NOBRE, Marlene Rossi Severino; GIROLAMO, Nanci Puhlmann. **A Mulher na dimensão espírita**. São Paulo: DICESP, 1975.

TRIBUNA ESPÍRITA. História do Espiritismo na Paraíba. **Revista Tribuna Espírita**. João Pessoa, v. 34, n. 12, jan. 2006.

WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec**. v.1. Rio de Janeiro: FEB, 1990.